

ETICA, DESEJO E HUMANIDADE

O que podemos dizer da atualidade que não seja algo mais ou menos vacilante? E se dermos um passo mais, o que podemos pregar do tempo que é o *hoje* que não seja mais ou menos difuso, diversificado, multiverso e transumano?

O pano de fundo contemporâneo é bastante incerto em si mesmo, ou poderíamos dizer o contrário, é muito certo, previsível, informático, algorítmico e automático, inclusive autossuficiente, o que, paradoxalmente, equivale à autoextenuação que todos nós, de algum modo, experimentamos.

Parte do trabalho que realizamos no último ano na Efm dp foi abordar uma questão que Maria Clara Areta propôs como “*Transmal-estar na cultura*”, esse modo de nomear o estado da subjetividade coletiva, permitiu a mim pensar, como comentei naquela atividade, neste *hoje* “meta-versado” que, acredito, joga suas cartas fortes no tapete do corpo – parafraseando o título de Klossowski –, porque é “moeda vivente”, porque é território vital mas também inerme e sempre um pouco carente.

Essa metarrealidade se *realiza* através de “um mar de sensações” capazes de criar um novo modo de estar no mundo, sensações cujo estatuto de inscrição não preocupam tanto como sua potência, seu “high definition”, sua nitidez alucinante e, arrisco-me a dizer, sua certeza.

Essa ciberversão do *hoje* está – em termos psicanalíticos – mais perto da atualidade que do ato, e assim sendo, essa atualidade estaria nas antípodas do *presente* do sujeito ao qual nos referimos em psicanálise, sujeito que pressupõe outra temporalidade.

Por um lado, há um *dizer do presente* que remete ao que se diz “aqui e agora”, que localiza a presença de quem fala. E há um *presente do dizer* graças ao qual sempre se diz algo, e isso ganha existência já por ser dito. É entre essas dimensões do *presente* que se conforma com as pegadas do dizer humano, onde a psicanálise situa algo da ordem do ato, isto é, algo entre enunciado e enunciação.

O que não traça marca, o que circula sem borda nem acidente, o que flui em atualidade permanente, em “streaming”, digamos, torna-se impossível de substituição por outro elemento ou de ganhar existência simbólica tal como a entendemos.

Dito isso, o *presente* do discurso, o tropeço incalculável diz respeito a nossa prática, e distancia-se do que arma período ou temporada porque isso remete a certa unidade de registro em que os fatos tomam um tom determinado. Por exemplo, as séries audiovisuais nos são dadas a ver por temporadas, e por sua vez as temporadas não seriam tais sem o público adequado para o qual são redigidas.

Ao contrário, em cada análise esse *hoje* está feito do tempo para falar de cada falante, que o fará causado pela falta, se é que esta não falta.

Mas o fato de em psicanálise se tratar desta *a*-temporalidade – que, esclareço, não ser fora do tempo mas sim orientada pelo objeto *a*, o que equivale a dizer orientada pelo que resiste

a entrar na palavra – não exclui de nenhuma maneira pensarmos no contexto de época que *transforma* o efeito sujeito.

Se é com o objeto a causando o dizer na singularidade que o sujeito existe humanamente, isto é, com a dignidade de seu sintoma, seria exatamente sua rejeição se a ética de nossa prática não se apoiasse na função do desejo.

Mais ainda, não é sem a leitura das fontes do mal-estar na cultura que a psicanálise pode se formular como o “pulmão artificial”, como antecipou Lacan (1973), para sobreviver às consequência irrespiráveis da sociedade de normas.

Com isso quero dizer que não se trata de estar contra ou a favor da tecnologia porque já habitamos uma aliança discursiva entre o capital humano e a cibernética que faz com que não seja uma ciência mais mas sim a criadora de outros modos de existência, e de novas formas do gozo; em todo caso acredito que o que cabe é perguntarmo-nos pela incidência disso no sujeito do inconsciente que entendemos como consequência da linguagem que afeta o corpo dessas sensações.

A meu entender fazermo-nos essa pergunta contém o sentido de evitar deslizamentos metonímicos arriscados. Talvez não mais que isso.

Em um *hoje* no qual tendemos a nos confundir a respeito do símbolo com o aparato, ou seja, que o aparato se torna não somente suporte do símbolo, mas também o anima, o corporiza, como no holograma, nos videogames, nas redes, ou com qualquer das máquinas que são capazes de nos metamorfosear, dos binóculos 3d até a patinete que, quando dirigida, funciona como uma prolongação do corpo, perante isso é necessário fazer algumas distinções por seus efeitos na prática.

Assim como o bit não é o mesmo que uma pegada mnêmica, nem o algoritmo é a representação, nem a informação é a transmissão, nem o link é o laço, nem o Big Data é o Outro da linguagem, nem a virtualidade digital é a imagem visual especular, nem o som acústico é a ressonância; nem o ato de formatar é euização, assim considero que o *automático* não equivale ao *autoerótico* por levar a partícula “auto” que pressupõe o eu. Em outras palavras: não é que quanto maior for automatização na cotidianidade de um indivíduo, necessariamente mais autoerótico será o sujeito; não só não é o mesmo, mas em minha prática pude constatar que em certas ocasiões um vem suprir a desestruturação do outro.

Na sessão de 23 de janeiro de 1963 Lacan retoma a pista descoberta por Freud; diz que antes do estágio do espelho que $i(a)$, encontramos com a desordem dos *a* minúsculos, que ainda não se trata de tê-los ou não tê-los, porque esses objetos ainda não participam dessa euização da imagem real a respeito da qual eles virão a ser o resto; este é inclusive o sentido mais profundo que podemos dar ao conceito de autoerotismo em que não é o mundo externo o que falta, mas o que falta é o si mesmo, falta o Um em si.

Sabemos que a esse estágio pré-autoerótico é aonde nos conduzem os fenômenos de despersonalização; e que o fato de os objetos serem não especularizáveis faz com que eles só possam se articular em sua falta graças ao reconhecimento do Outro da linguagem. Sem esse funcionamento da linguagem não haveria falo (que é simbólico) nem possibilidade de significação (que é fálica), motivo pelo qual dar significado àquilo por

exemplo que é da ordem do sexual – que implica o corpo e suas sensações – pode tornar-se bizarro porque se rejeita.

Então, assim pode ocorrer – para referir-me a uma situação clínica que escutei –, que os caracteres sexuais secundários que para homens e mulheres têm alguma significação podem se tornar incompreensíveis para alguém que em plena emergência sexual adolescente afirma que nunca entendeu que função erótica poderiam ter os seios no corpo das mulheres.

Esse fracasso na significação levou a uma des-erotização generalizada do sexual, assim como a uma carência importante para o sujeito no que se refere ao laço social, e à relação com sua própria imagem, isto é, o laço com seu próprio corpo.

Tal situação foi transitoriamente suprida com a construção de perfis em redes sociais que *transformavam* a imagem do corpo em outra coisa; isso esclarece porque era imprescindível que a relação com o outro passasse pelo aparato. Assim como outras consequências concretas no corpo que eram da ordem da mutilação.

Portanto, sem “*si*” (Bejahung), nem “*mesmo*”, ou seja, sem “Si-mesmo” o Um às vezes se arma com uma imagem *automática*. E paralelamente – ou talvez não seja uma coisa sem a outra –, o desmembrado pode ser aglutinado consistentemente por uma ideologia que pode fazer afirmar um ser com qualquer nomenclatura que adquira essa potência.

Então, o *presente* em nossa prática está no um a um, e inclusive muitas vezes é sem o Um; por isso, em meu modesto critério acredito que não é mais psicológico sopesar a referida “falta de autoestima” daqueles que escutamos, perante o que mesmo não nos dedicando a reunir o que o significante não dividiu e que é a razão de uma apresentação desorganizada dos objetos, acredito que fazemos a aposta pelo resguardo da falta, dessa incomensurável partícula real que não é tomada pelo significante e que em última instância nos humaniza.

Não há fórmula que traduza isso ao ato que não seja a *Losung* da palavra. Considero que não apenas é não sobrepondo ordens do pensamento como a cibernética e a psicanálise mas também de que modo a ética que em psicanálise está orientada pelo desejo entrelaça essas ordens e procurando não confundir o sujeito com o ser ou o inconsciente com a ideologia.

Talvez seja muito óbvio isso que digo, mas, bem... acredito que nenhum de nós está excetuado do risco de nos tornarmos um pouco zumbis.

Gisela Avolio